

INTRODUÇÃO

Esta tese apresenta-se como uma leitura reinterpretada do principal periódico português de divulgação cultural (científica, histórica, literária, patrimonial...) durante a primeira metade de oitocentos – *O Panorama*¹. Surgido em Lisboa, em 1837, sob a chancela da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis e sob a direcção de Alexandre Herculano, teve cinco séries, as duas primeiras contínuas (1837-1841 e 1842-1844), sendo sobre elas que esta pesquisa se detém. As restantes séries, que perduraram até 1868, foram editadas por um editor particular e por uma empresa tipográfica.

Comungando dos ideais do Romantismo e da Ilustração, *O Panorama* foi, efectivamente, o periódico português de divulgação cultural que por ser *novidade* e por se *enquadrar no espírito do tempo*, mais rapidamente conquistou as elites da primeira metade de oitocentos, influenciando, conforme se procurará demonstrar ao longo da tese, o rumo do jornalismo português.

São variados os testemunhos que revelam quão importante foi o periódico para satisfazer a curiosidade e o interesse com que elas acompanhavam a marcha dos tempos e a produção de novo conhecimento, pois efectivamente *O Panorama* era perspectivado como um periódico de propagação de conhecimentos. Assim foi anunciado nos seguintes termos pelo principal periódico governamental, o *Diário do Governo*, a 21 de Fevereiro de 1837:

Alguns cidadãos portugueses, amigos da verdadeira ilustração, conceberam o projecto de derramar, por meio de uma publicação semanal, a maior cópia possível de conhecimentos úteis.

O mesmo *Diário do Governo* conseguia resumir os objectivos d'*O Panorama*, ao mesmo tempo que os contrapunha ao exacerbamento discursivo da imprensa política, facciosa, da época:

¹ Na realidade, o jornal perdurou até 1868, embora nesta tese se estudem somente as duas primeiras séries (1837-1844).

ensinar o povo para que ele seja menos acelerado ou menos violento em suas opiniões e oferecer-lhe instrução por modo que a ele possa chegar o seu entendimento e a sua bolsa, isto é, fácil e barata. (*Diário do Governo*, 21 de Fevereiro de 1837)

O Panorama deixou, efectivamente, marcas bem visíveis no seu tempo. A. Xavier da Silva Pereira (1895, pp. 1283-1284), no seu *Dicionário Jornalístico Português*, cita Rebelo da Silva e Lopes de Mendonça, para vincar a importância do periódico na sociedade oitocentista portuguesa, na primeira metade do século XIX:

A influência do *Panorama*, admirável instrumento de iniciação intelectual no atraso relativo em que existíamos por aquele tempo, manifestou os seus efeitos desde logo; e redigido por algumas das capacidades mais distintas do país, concorreu poderosamente para aperfeiçoar a linguagem, desenvolver o gosto pelas letras e fazer revocar do esquecimento as tradições mais gloriosas do nosso passado. Por ele se deu o voo e impulso a essas vocações novas, que vemos gradualmente hoje ir sobressaindo em todas as esferas da actividade social.

Inocêncio Francisco da Silva e Pedro Venceslau de Brito Aranha (1858/1958, vol. VI, p. 335) também transcrevem a citação anterior, que eles dizem ter sido publicada na introdução dos *Anais das Ciências e das Letras*. Mas para fazer sobressair ainda mais a importância do periódico, Inocêncio recorre, em acréscimo, a outros autores. Refere, nomeadamente, um artigo de Andrade Ferreira na *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, no qual este último autor terá escrito:

O Panorama, a *Revista Universal* (...) são os padrões que (...) inauguram o mesmo pensamento, posto lhe marquem a partida de pontos diversos, e mais ou menos aplanados já pelos progressos intelectuais. Cada uma destas obras resume epílogo de um grande período literário para nós. *O Panorama* é o primeiro centro literário que se constitui; o seu pendão é o das novas doutrinas, os seus soldados uma falange de mancebos, que mal despontam para as letras, mas arrojados nos cometimentos. O Sr. Alexandre Herculano é o Nestor e Ulisses desta guerra, em que não há Tróia que cercar e demolir, mas em que há velhas ruínas de preconceitos literários que derrocar, e monumentos de inspirações novas que erguer. O romance, a poesia, as escavações históricas, a crítica amena, as lendas populares, os estudos arqueológicos, tudo figura nas páginas deste vasto repositório, que muito concorreu para os progressos da literatura.

Andrade Ferreira (1857, p. 94), historiógrafo literário e bibliófilo português, por seu turno, disse o seguinte d' *O Panorama*:

O jornalismo literário contou sempre representantes desde que o fundou definitivamente entre nós o seu verdadeiro patriarca, nos intentos e influxos da redacção, o antigo *Panorama*, dirigido pela erudição profunda e variada, pelo tacto fino e gosto selecto do autor da *História de Portugal*, que tantos serviços fez ao país, difundindo e radicando o gosto da leitura e chegando ao alcance de todas as classes e de todos os entendimentos os grandes espectáculos que enobrecem a nossa história, os seus monumentos, as suas prodigiosas vitórias, assim como as criações do espírito e da imaginação de uma mocidade talentosa, que se estreava

e, por vezes, triunfava já das maiores dificuldades do romance histórico, das tentativas de crítica literária.

José Silvestre Ribeiro (1871-1893, vol. VIII, p. 27) escreve que *O Panorama* foi:

(...) o mais admirável instrumento de iniciação intelectual, no atraso relativo em que existíamos, (...), aperfeiçoou a língua, desenvolveu o gosto pelas letras, fez reviver o gosto pelas nossas tradições na imaginação popular e por ele se deu voo e impulso a vocações novas que foram gradualmente sobressaindo em todas as esferas da actividade social.

Inocêncio da Silva e Pedro Venceslau de Brito Aranha (1858/1958, vol. VI, p. 335) citam, finalmente, um “outro nosso literato” que dizia ser *O Panorama* “uma das publicações que mais luz e calor deu à literatura e instrução nacional”.

Ramalho Ortigão (1877/1988, vol. III, p. 8) apelidou, nas *Farpas*, *O Panorama* de “mais importante colecção dos modernos trabalhos literários”. O escritor, jornalista e político Pinheiro Chagas (1886, p. 3) explica que o periódico “fez uma verdadeira revolução na literatura e na ciência histórica portuguesa”, acrescentando que “Não se imagina o entusiasmo que (...) produziu”. O académico, escritor, jornalista e político Teófilo Braga (1880, p. 374), segundo Presidente da República Portuguesa, na *História das Ideias Republicanas em Portugal*, sustenta, com um certo exagero, que “tudo quanto em Portugal se sabe do nosso passado histórico é derivado do *Panorama*”. Joaquim de Araújo (1878, p. 2), ao lançar a importante revista literária e filosófica *A Renascença*, regista que aspirava a que a mesma fosse “o órgão” da “renovação”, “como *O Panorama* foi”, e noutro artigo publicado na mesma revista sublinha que *O Panorama* representa “a mais notável síntese do movimento romântico entre nós, inspirando-se nas tradições e na vida nacional” (Araújo, 1878, p. 112). Sampaio Bruno (1885, p. 62 e p. 108), outro dos nomes ilustres do jornalismo e da filosofia em Portugal, classifica *O Panorama* como um dos “monumentos do romantismo”.

Interessantemente, *O Panorama* também surge na ficção. Vários autores portugueses oitocentistas colocam as suas personagens a ler o periódico. É o caso, por exemplo, de Camilo Castelo Branco (1879/1991, pp. 76-77), que faz figurar, entre o seu rol de personagens, Eusébio Macário, um indivíduo de cultura livresca que alardeava o seu saber obtido pela leitura d’*O Panorama*:

Eusébio Macário contava as utilidades do sapo na agricultura, os bichos infestos que devastava, uma conversação científica, todo o caminho, a propósito de tudo que lhe sugeria referências aos três reinos. Ele tinha lido muitas notícias no *Panorama* e no *Recreio*.

Também Eça de Queirós (1900/1995, p. 31, p. 43, p. 75 e p. 133) se refere por várias vezes ao *Panorama* no romance *A Ilustre Casa de Ramires*:

Diante dessa varanda (...) pousava a mesa (...) atravancada (...) pelos (...) tomos soltos do *Panorama* (...).

Do pó das suas estantes, desenterrou (...) volumes desirmanados do *Panorama* (...).

Gonçalo adornara a soturna sala (...) com (...) narrativas do *Panorama*.

Ajudado por notícias do *Panorama*, compusera Gonçalo a mal-aventurada lide de Canta-Pedra.

O Panorama teve, portanto, reconhecidamente, um enorme impacto entre os letrados do seu tempo e ainda hoje testemunha um tempo em que as elites portuguesas descobriam, enfim, o valor do *capital cultural*. Mais do que isso, a sua influência perdurou, já que, conforme assinala Maria de Fátima Nunes (1989, p. 15):

O jornalismo científico, literário e artístico, constituído por vários reportórios de erudição e novidades, permitiu aos vários autores do final de Oitocentos elaborarem os seus abundantes volumes de erudição e pormenorizadas informações sobre os tempos anteriores, quer de um passado recuado, quer de um tempo ainda vivencialmente próximo.

António José Saraiva e Óscar Lopes (1979, p. 723) avalizam as ideias expostas e explicam quanto *O Panorama* correspondeu a uma necessidade de um público já preparado para o seu surgimento:

Existia (...) na realidade um público alfabetizado cujas características e predilecções se podem avaliar pelo êxito de revistas como *O Panorama* (5000 exemplares vendidos por número em 1837). O jornalismo conhece nesta época uma fase brilhante, dando aos grandes escritores (Garrett e Herculano incluídos) ocasião de comunicar com muitos leitores.

António José Saraiva (1949, p. 200) sugere, assim, que *O Panorama* foi uma espécie de *Seleções do Reader's Digest* do seu tempo, ideia identicamente subscrita por Maria Cristina Nogueira Lança de Mello (1971, p. 11). Jacinto Baptista (1977, pp. 25-26) regista, evocando Herculano, que *O Panorama*:

Pela qualidade do conteúdo, que necessariamente reflectia a categoria e a capacidade intelectuais do seu próprio executor (...); pela relativa elevada tiragem, inexcedida e acaso inexcedível no Portugal oitocentista (...), (...) constituiu de facto um notável empreendimento cultural no acanhado e atrasado meio do tempo.

João Bartolomeu Rodrigues (2008, pp. 92-93), fazendo um balanço da existência e papel social do periódico, explicita:

O Panorama, respondendo às necessidades e gostos e interesses e curiosidades da burguesia, pequena e grande, foi, com inteiro sucesso, o jornal de cariz enciclopédico que pretendeu ser, e que a recepção de que beneficiou na sociedade do seu tempo fez dele (...), evidentemente reduzido ao seu contexto social e ao seu espaço de incidência. E foi talvez isso que fez com que *O Panorama*, como obra de civilização que se tinha dado inteiramente à tarefa de promover a instrução e a educação públicas, tenha sido percebido, pelos próprios contemporâneos, como uma memória para o futuro, como um monumento antecipadamente reconhecido como tal, como um marco a assinalar, para a posteridade, as grandes transformações político-sociais que se viveram, no tempo que se viveu então.

(...)

De facto, os (...) tomos de *O Panorama* constituem um verdadeiro e variado repositório de erudição e um pormenorizado acervo do Portugal liberal e romântico (...). Subtil mas, mais que tudo, decisivo (...) terá sido o efeito modelador que, por vezes intencionalmente, por vezes por mera incidência colateral, os textos publicados em *O Panorama* exerceram sobre o fundo em que se recortam todas as ideias partilhadas e em que radica a possibilidade de partilha de todas as ideias.

Tendo tido grande importância social no Portugal liberal e romântico de Oitocentos, tendo sido um marco do jornalismo português, *O Panorama* não foi afastado das preocupações dos académicos. A importância do periódico enquanto objecto de estudo pode ser atestada, na verdade, pelos estudos que sobre ele foram produzidos (Lança de Mello, 1971; Ribeiro, 1995; Cunha, 1984) e ainda pelos estudos que a ele recorreram como fonte (Nunes, sob a direcção de Reis, 1989; Dias, 2002; Ribeiro e Bento, 2004; Rodrigues, 2008).

O mais ambicioso estudo sobre *O Panorama* até ao momento, infelizmente não publicado, foi desenvolvido por Maria Cristina Nogueira Lança de Mello (1971). A autora, que balizou a produção intelectual posterior sobre o jornal, relembra a sua fundação e, em particular, detém-se, descritivamente, sobre a sua forma e, particularmente, sobre as categorias temáticas do seu discurso. Realça alguns artigos sobre tecnologia – nomeadamente sobre novos dispositivos e invenções que poderiam ser aproveitadas e disseminadas em Portugal, como a máquina a vapor, o daguerreótipo e a litografia; artigos sobre ciências em geral; e ainda artigos sobre educação e sobre economia política. Conclui, não obstante, que, em geral, todas as categorias temáticas

poderiam agrupar-se numa única, coincidente com os propósitos do jornal: “instrução e educação públicas” (Lança de Mello, 1971, p. 150). Manifestando uma visão extremamente positiva sobre a publicação, para ela, todo o conteúdo d’*O Panorama* “foi deliberadamente orientado para a acção construtiva, para o apelo enérgico, para a participação efectiva, para o (...) útil, visando a promoção social do Homem, tanto no plano material como espiritual.” Talvez exacerbadamente, a autora escreveu ainda:

Na realidade, *O Panorama* conseguiu acender e conservar em milhares de pessoas de todas as idades, sexos, hierarquias e profissões a necessidade de ler.

Foi o amigo, o conselheiro, o animador dos serões da província, nos quais ele era a presença distante e do próximo, a janela aberta para a compreensão dos seres e das coisas, o arauto das notícias concretas e o passaporte para o mundo da fantasia e do sonho.

Principalmente para todos aqueles que estavam afastados dos grandes centros urbanos, foi o periódico “a assembleia, o espectáculo, a biblioteca pública e a Praça do Comércio, onde lhes vinha ter notícias dos povos mais longínquos, das gentes mais diversas e até dos séculos mais distantes” (Introdução, *O Panorama*, 1841, vol. V, p. 1). (Lança de Mello, 1971, p. 21)

Um outro trabalho de investigação sobre *O Panorama*, embora significativamente mais reduzido, foi publicado sob a forma de uma pequena separata da revista *Munda*, n.º 29. Nele, António Manuel Ribeiro (1995) historiografa *O Panorama* e destaca o seu contributo para o periodismo científico e literário romântico. Tal como nesta tese, o autor recorre a fontes portuguesas “clássicas” (como ao *Dicionário de Inocência*) para reflectir sobre a relevância do periódico na sociedade do seu tempo. O grande mérito do autor é o de ter feito uma análise de conteúdo do *Periódico*, para vincar que o mesmo correspondeu, nesses conteúdos, às intenções dos seus promotores e aos seus valores liberais. Essa análise, porém, afasta-se daquela que foi realizada na presente tese, já que o autor – que não descreve as categorias criadas – recorre a uma espécie de micro-categorias temáticas² que recolhe dos textos dos próprios promotores da

² Academias (0,168%), actividades lúdicas (0,144%), aeronáutica (0,168%), agricultura (3,064%), alcoolismo (0,048%), anatomia (0,239%), anedotas (4,739%), antropologia (0,191%), arqueologia (1,508%), arqueologia naval (0,048%), arquitectura (1,723%), assistência social (0,287%), astronomia (0,574%), batalhas (0,239%), bibliografia (0,862%), biografia (3,351%), biologia (0,263%), botânica (1,843%), caça (0,168%), ciências jurídicas (0,527%), ciências ocultas (0,503%), comércio (0,383%), conselhos úteis (2,465%), criminologia (0,287%), crítica literária (1,269%), cronologia (0,12%), culinária (0,407%), curiosidades (4,356%), dança (0,024%), demografia (0,335%), economia (1,005%), economia doméstica (0,024%), economia política (0,431%), educação (1,34%), educação física (0,215%), epigrafia (0,12%), escravatura (0,048%), escrita (0,144%), espeleologia (0,215%), estatística (0,479%), estudos literários (0,455%), etimologia (0,479%), etnografia (2,585%), exposições (0,12%), ficção histórica (1,221%), filologia (0,407%), filosofia (0,718%), física (0,862%), geografia (7,611%), geologia (0,263%), guerra (0,886%), heráldica (0,024%), higiene (0,311%), história (7,755%), história da arte (3,231%), historiografia (0,12%), imprensa (0,646%), história da imprensa (0,144%), indústria (1,412%), instrução pública (0,694%), literatura (6,343%), matemática (0,168%), medicina (1,364%), meios de comunicação (0,144%), meteorologia (0,287%), minerogenia (0,024%), monografia (1,149%), moral (6,774%), morte (0,407%), museus (0,048%), música (0,383%), náutica (0,79%), notícias do estrangeiro (3,04%), numismática (0,12%), oceanografia (0,12%), ourivesaria (0,191%), pecuária (0,551%), pintura (0,79%), piscatório (0,168%), poesia (0,694%), práticas medicinais (0,67%), profissões (0,215%),

publicação. A análise revelou um periódico precisamente *panorâmico*, em que os temas mais abordados (história, com 7,755% das peças; geografia, com 7,611%; literatura, com 6,343%; moral, com 6,774%; e anedotas, com 4,739%) não dominam os restantes.

Entre os trabalhos que tomam *O Panorama* como objecto de estudo encontra-se, ainda, o de Cunha (1984), que o confronta com o jornal clandestino e panfletário *O Espectro*, publicado durante a Patuleia, com o objectivo de exemplificar as duas vias principais que seguia o jornalismo romântico (divulgação cultural vs. panfletarismo político), embora ainda existisse uma “terceira via”, a do jornalismo “especializado” em economia política e comércio, conforme o comprova o aparecimento do *Jornal do Comércio*, em 1834.

Os principais trabalhos que usam *O Panorama* como fonte são o de Dias (2002), que procura descrever a forma como a Idade Média foi apresentada pel’*O Panorama* e o imaginário que o periódico construiu em seu torno, tendo em conta o ideário nacionalista romântico; o de Ribeiro e Bento (2004), sobre a imagem construída pelo periódico para a região da Arrábida, para o que os autores analisaram, sobretudo, as ilustrações (*O Panorama* foi o primeiro periódico português a fazer-se valer das ilustrações com regularidade); e o de Rodrigues (2008), que determina a forma como *O Panorama* se pronunciava sobre a educação, destacando, em particular, os contributos de Alexandre Herculano, enquanto pedagogo, nessa matéria.

Pode destacar-se, finalmente, uma antologia anotada de textos d’*O Panorama*, da autoria de Nunes, sob a direcção de Reis (1989).

Essa diversidade de pesquisas demonstra que *O Panorama* é um objecto de estudo de grande importância histórica para se compreender o Portugal do seu tempo, nomeadamente os referentes e o imaginário identitário das elites letradas que nele se empenharam e que o liam, até porque, ao longo das suas cinco séries, atravessou, entre 1837 e 1868, uma das fases mais conturbadas da história portuguesa, a implantação do regime liberal, com todas as suas transformações sociais, vicissitudes, revoltas, guerras civis e mudanças parlamentares e governamentais. No entanto, tal variedade de investigações também sugere que *O Panorama* pode e deve ser estudado desde várias perspectivas, dada a sua importância histórica e também o tempo considerável que se publicou.

psicologia (0,144%), química (0,527%), religião (2,753%), sociologia (0,646%), sociologia da cultura (0,048%), teatro (0,191%), história do teatro (0,024%), técnica (2,37%), história da técnica (0,048%), transportes (0,598%), urbanismo (0,072%), vestuário (0,311%), veterinária (0,168%), viagens (0,359%), vias de comunicação (0,263%), zoologia (2,776%).

Embora esta tese seja tributária de todas as pesquisas já feitas sobre *O Panorama*, procurará orientar-se por um prisma diferente, promovendo, neste sentido, conforme se disse logo de início, uma *reinterpretação* do periódico em causa e do que foi dito sobre ele. Em concreto, pretende agregar ao conhecimento dessa publicação e da sociedade do seu tempo uma sistematização mais completa de dados dispersos e uma orientação investigativa diferente, *a dos estudos jornalísticos*, o que lhe confere o carácter de *novidade* indispensável a um trabalho desta natureza. Na abordagem que aqui é feita do periódico, essa linha de rumo reflecte-se, em particular, na análise formal e do discurso efectuada, na atenção dada às relações entre *O Panorama* e o poder e na relevância concedida à análise das gravuras publicadas, encaradas como formas antecedentes do que viria a ser o jornalismo visual, em especial o fotojornalismo.

A presente tese propõe-se, portanto, estudar *O Panorama* desde um ponto de vista só superficialmente abordado nos estudos de que o jornal foi alvo: o ponto de vista do *jornalismo* ou, se assim se desejar, conforme dito, dos *estudos jornalísticos*. Falta, efectivamente, descrever e compreender as suas características especificamente jornalísticas e, enquanto jornal, o seu papel social e cultural. Será essa lacuna que se procurará suprir ao longo desta investigação. Entender-se-á, assim, por *ponto de vista dos estudos jornalísticos* a tradição de pesquisa e reflexão aberta pelos autores alemães que, no século XVII, primeiro reflectiram de forma sistemática sobre os periódicos da época. Tobias Peucer (1690/2000), relembre-se, apresentou a primeira tese de doutoramento sobre jornais que se conhece no já longínquo ano de 1690. Perfazem, portanto, mais de 320 anos de produção contínua de *conhecimento jornalístico* centralizada no próprio jornalismo³. Assim, centrando-se no percurso histórico de uma publicação periódica que, tendo em conta o seu próprio enquadramento temporal, se pode classificar como *jornalística*, a tese não se furtará a funcionar como uma espécie de *antologia comentada* d'*O Panorama*, uma *história antológica* das duas primeiras séries deste semanário, para identificar, nomeadamente, os traços relevantes do pensamento das elites letradas e burguesas oitocentistas em Portugal e averiguar se as preocupações do passado têm eco no presente.

A intenção fundamental desta investigação é, no entanto, dar um contributo relevante para a resposta à questão: o que representou *O Panorama* para o jornalismo português? Apesar disso, na tese não se recusarão os necessários contributos das Ciências

³ PEUCER, Tobias (1690/2000). Os relatos jornalísticos. *Comunicação e Sociedade*, n.º 33, pp. 199-214, 2000. (Tradução de *De relationibus novellis*, Leipzig: Tese (Doutorado em Periodística) – Universidade de Leipzig, 1690.)

Históricas, já que o seu objectivo genérico – e problema científico a resolver – é compreender o papel que a publicação teve na história do jornalismo português, sim, mas tendo em consideração o contexto histórico em que *O Panorama* surgiu e se desenvolveu. Um contexto histórico, diga-se, marcado, conforme se frisou, por aquela que foi, possivelmente, a mais profunda transformação que Portugal sofreu nos últimos dois séculos: a da transição do absolutismo para o liberalismo constitucional, temperada, culturalmente, pelo romantismo.

Tal como foi dito, *O Panorama* teve cinco séries, as duas primeiras contínuas (1837-1841 e 1842-1844), sobre as quais esta investigação incide. Após uma interrupção, o jornal voltou às bancas e conheceu mais três séries (1846-1856; 1857-1858; e 1866-1868), mas sob a chancela de outras empresas editoras e, de acordo com José Silvestre Ribeiro (1871-1893, vol. VI, p. 27), sem a mesma qualidade editorial:

Este periódico (...) é hoje apenas um eco do que foi e, se vive, é à sombra dos títulos de estima pública e créditos intelectuais que soube granjear e firmar em padrão, que a lembrança dos homens lidos respeitará ainda por muito tempo.

Há, conseqüentemente, argumentos para a delimitação temporal desta tese às duas primeiras séries de *O Panorama*.

Para além da menor qualidade da terceira série, da quarta série e da quinta série d'*O Panorama*, outros motivos podem aduzir-se para limitar o estudo às duas primeiras séries. O primeiro argumento que se pode somar ao anterior é o de que, possivelmente, os primeiros números são jornalística e culturalmente mais interessantes, pois foram dirigidos por Alexandre Herculano, um dos expoentes máximos do humanismo, das letras e da historiografia portuguesa. Herculano dirigiu a publicação entre 6 de Maio de 1837 e 13 de Julho de 1839 e novamente em 1843-1844 (Ribeiro, 1995, p. 67).

O segundo argumento prende-se com o facto de o periódico, até 1844, ter sido o órgão de uma organização empresarial mais ou menos filantrópica dedicada à vulgarização da cultura e da educação – a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis. As séries de 1852 em diante foram editadas por empresários, o que poderá ter retirado algum do carácter filantropicamente desinteressado ao *Panorama*, em favor de um legítimo propósito de obtenção de lucro.

Finalmente, um terceiro argumento pode ser trazido à liça. A derrota do absolutismo miguelista ocorreu em 1834. Portanto, se bem que o espírito liberal tenha

ecoado em Portugal após a revolução de 1820, não será menos certo que a sua assimilação e consolidação só sobreveio depois do interregno do reinado de D. Miguel, entre 1828 e 1834. Assim, o estudo de *O Panorama* entre 1837 e 1844 (400 números) permitirá observar como foi proposto e se consolidou publicamente um projecto de edição de um periódico de divulgação cultural simultaneamente alinhado, tardiamente, com o espírito das Luzes e com o propósito liberal de expansão da instrução, bem expresso na frase do deputado e desembargador Manuel de Macedo (*cit. in* Torgal e Vargues, 1984, p. 366): “O princípio mais fecundo das calamidades e desgraças públicas é a ignorância”.

Sustenta-se, em tese, que *O Panorama* foi um dispositivo importante para colocar o periodismo português – cultural, científico, literário, mas também informativo – em sintonia com os desenvolvimentos que a actividade estava a ter noutros pontos do mundo e, conseqüentemente, suporta-se também a tese que o seu papel, e o das publicações similares que se lhe seguiram, foi fundamental para abrir o jornalismo português a novos conteúdos, géneros e estilos, tendo sido fulcral para o desenvolvimento do jornalismo ilustrado em Portugal (que conduziria, subsequentemente, ao fotojornalismo) e para a introdução dos géneros jornalísticos da reportagem e da crónica no país, o que, mais tarde, esteve na origem de uma mudança no que se entendia por jornalista, já que apareceu a figura do *repórter* (Sobreira, 2003). Igualmente se sustenta a tese de que, tendo em conta o contexto português entre 1837 e 1844, *O Panorama*, enquanto jornal participado e lido pelas elites letradas e politicamente envolvidas, terá tido algum papel na construção e contínua redefinição da esfera pública e da agenda política, isto é, de algum modo terá tido um *papel político*, mesmo que condicionado pela dimensão independente e benemérita da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis. Esse condicionamento obrigaria os seus redactores, também em tese, a exercerem, assumidamente ou não, esse papel político em nome de um alegado “interesse geral da nação”. Nenhuma destas perspectivas de análise, registe-se, se encontra nas investigações desenvolvidas sobre o jornal nem naquelas que o usaram como fonte (Lança de Mello, 1971; Ribeiro, 1995; Nunes, sob a direcção de Reis, 1989; Cunha, 1984; Dias, 2002; Ribeiro e Bento, 2004; Rodrigues, 2008), embora José Tengarrinha (1989, p. 175) tenha, laconicamente, classificado *O Panorama* entre os jornais oitocentistas que tiveram um papel político, pois “não deixava de abordar (...) as questões sociais e políticas”.

São assim objectivos da presente tese:

1. Descrever a forma e o conteúdo do jornal *O Panorama*, de forma sistemática, em termos qualitativos e quantitativos, observando, em especial, os enquadramentos propostos pelo jornal para a *leitura do mundo*;
2. Identificar os dispositivos retóricos e expressivos usados pelos redactores de *O Panorama*, comparando-os com os actuais e, simultaneamente, verificar, confrontando o referido periódico com os demais jornais da época, qual a importância que ele teve, se a teve, para o aparecimento, em Portugal, de novos géneros jornalísticos, em especial da reportagem.
3. Compreender o papel e as dinâmicas do jornal *O Panorama* no contexto português, europeu e ocidental da época em que surgiu, tendo como focos de atenção privilegiados o desvelamento das rotinas produtivas de então e a identificação das fontes informativas;
4. Entender as razões que levaram um grupo de indivíduos agrupados numa associação de divulgação cultural a promoverem o lançamento de *O Panorama*, sob a égide de Alexandre Herculano.

Numa primeira fase, a tese assentou na pesquisa hemerográfica, bibliográfica e documental. Localizaram-se colecções acessíveis e em estado razoável das duas primeiras séries do jornal *O Panorama* e, simultaneamente, localizaram-se e consultaram-se fontes bibliográficas e documentais que providenciassem a necessária contextualização histórica, social e cultural do objecto de estudo e que permitissem reconstruir o percurso do periódico, compará-lo com os seus congéneres nacionais e estrangeiros e determinar a intervenção que nele tiveram os seus redactores – em particular, Alexandre Herculano – e os seus promotores, tentando apurar as razões que os levaram a redigir e lançar o jornal.

Numa segunda fase, procedeu-se à análise qualitativa e quantitativa (análise de conteúdo), a um nível heurístico, do discurso do jornal *O Panorama*, com base na proposta de Sousa (2004), que tem uma base culturoológica e que sugere que só uma ampla contextualização permite explicar com relevância os fenómenos jornalísticos.

Tentou-se, nessa análise, responder a questões como:

- 1) *Do que falava O Panorama*, isto é, quais os temas a que o periódico deu maior ou menor importância ao longo do tempo, e *como falava deles*?
- 2) Até que ponto o formato do *Panorama* afectava o seu conteúdo?

- 3) Quais os critérios de relevância temática que a estrutura do temário indicia?
- 4) Que tipo de textos continha *O Panorama*?
- 5) Que princípios retóricos e gramaticais presidiam à construção desses textos?
- 6) Que enquadramentos *O Panorama* oferecia do mundo?
- 7) De que lugares falava?
- 8) De onde provinham as informações e como lhe chegavam, quais as fontes de informação citadas ou intuídas?
- 9) Qual o modelo normativo e funcional de jornalismo em que se inseria?
- 10) Quais as funções e papéis que *O Panorama* cumpria na sociedade, designadamente no que respeita à difusão do impresso, à construção de um espaço público e à disseminação dos ideais da Ilustração e do Romantismo?
- 11) Qual o público-alvo que está implícito no discurso de *O Panorama*, isto é, a quem é que ele era dirigido?
- 12) Que diferenças e semelhanças podem ser estabelecidas entre os processos jornalísticos oitocentistas e os actuais?
- 13) Que dinâmicas de interacção e influência se podem estabelecer entre os periódicos europeus da primeira metade de oitocentos, tendo em conta o caso nacional de *O Panorama*?

Deve esclarecer-se que os exemplos para a análise do discurso qualitativa foram seleccionados arbitrariamente mas sistematicamente, a partir de uma grelha de análise estruturada para recolha de exemplos susceptíveis de dar resposta às perguntas de investigação. Por outras palavras, tendo-se em conta as perguntas de investigação colocadas, recolheram-se, após leitura dos 400 números de *O Panorama* publicados entre 1837 e 1844, os exemplos que, aparentemente, melhor lhes permitiam dar resposta. Seguiu-se, neste particular, a recomendação de Sousa (2006, pp. 352-353):

A análise qualitativa do discurso deve ser efectuada com base numa grelha de análise (...) tendo em conta as hipóteses e perguntas de investigação. (...) O problema surge quando se pretende alargar a análise qualitativa a uma grande quantidade de matérias. (...) Há (...) que encontrar soluções que, sem minorarem o contributo da análise qualitativa, a mantenham dentro dos parâmetros da praticabilidade. Uma das formas é definir a grelha de análise e depois pesquisar nos discursos (...) exemplos ilustrativos (...).

A metodologia proposta para a resolução dos problemas de investigação atrás equacionados não é nova. Pesquisas anteriores sobre publicações jornalísticas, que tal como a presente tese procuraram, entre outros possíveis objectivos, serem releituras interpretadas de jornais e revistas, forneceram a matriz de tradição metodológica aqui seguida, várias vezes usada com pertinência (por exemplo: Piwnik, 1979; Reis, 2005; Dias, 2006; Silva, 2005, 2007; Sousa, coord. *et al.*, 2007; Dias, 2010; Sousa, coord. *et al.*, 2011).

Assinale-se, como nota metodológica, que, para facilitar a escrita e a leitura, os exemplos textuais recolhidos e citados foram adaptados à grafia actual do português (pré-acordo ortográfico) e reconvertidas expressões que se estranhariam devido ao seu carácter arcaico. Pelos mesmos motivos, a pontuação foi actualizada.

O contexto histórico e social em que surgiu *O Panorama*, exposto no primeiro capítulo, fornece o pano de fundo que baliza algumas das molduras interpretativas aplicadas aos dados recolhidos. Optou-se por uma história narrativa, em consonância com a perspectiva da historiadora Maria de Fátima Bonifácio (1993, p. 628-629):

O renascimento da narrativa trará consigo o renascimento da história, não como ciência social, mas como *disciplina literária*. (...) A história (...) é (...) uma disciplina literária, mas de um género literário específico, com regras próprias e rigorosas (...). Contrariamente à ficção, os factos estão sujeitos a verificação documental e (...) [a história] tem de respeitar regras de inferência conformes à lógica aceite pelo senso comum e tem de satisfazer os requisitos de coerência exigidos pela lógica.

Nesse mesmo capítulo explora-se o momento jornalístico que se vivia em Portugal quando *O Panorama* surgiu. Trata-se de uma parte do trabalho que fornece dados preciosos para se explicar o surgimento d'*O Panorama* e a sua configuração em termos de forma e conteúdo.

O segundo capítulo orienta a tese para o seu objecto específico – *O Panorama*. É o capítulo em que se apresenta o jornal, a sua forma, a maneira como se apresentava publicamente, os seus propósitos, a Sociedade que o publicou ao longo das suas duas primeiras séries, o seu discurso textual e visual. É, pois, o capítulo em que se procuram respostas para as perguntas de investigação colocadas, sendo, necessariamente, o mais extenso.